

Transcrição da entrevista realizada com Mara Alvares (Porto Alegre, 1950), em sua casa, no dia 23 de dezembro de 2023, com a presença de sua filha Camila Alvares Pasquetti, a qual pôde ajudar a lembrar a mãe de fatos e histórias de suas vidas. Desde 2007, Mara tem o diagnóstico de Parkinson, e por esse motivo, a presença de Camila teve um papel importante na conversa. Desde o princípio sabia-se que o melhor seria elaborar uma entrevista através de tópicos, que seriam seguidos (e respondidos) ou não. Sem a pretensão de respostas fixas, queríamos saber o que a Mara tem a dizer sobre certos assuntos, isso se fosse de seu interesse falar. A entrevista durou cerca de 40 minutos, precedidos por uma conversa informal com Camila. Esta entrevista foi realizada no contexto da disciplina de Laboratório de Pesquisa em História da Arte III, do curso de História da Arte da UFRGS, para fins de tombamento no acervo documental da Fundação Vera Chaves Barcellos.

Mara Alvares, porto-alegrense nascida em 24 de julho de 1950, é multiartista visual, produziu gravura, pintura, fotografia e performance, teve também uma atuação junto ao Grupo Nervo Óptico, nos anos 1970. Além disso, Mara tem trabalhos de fotoperformance em galerias no Brasil e no exterior, alguns de seus trabalhos mais representativos são as fotoperformances Adansônia, Jogo de Esconder em 6 Toques e Pictografias, entretanto, trabalhos de pintura também são uma tônica em seus trabalhos e há obras suas no acervo da Fundação Vera Chaves Barcellos e da Pinacoteca Barão de Santo Ângelo, no Instituto de Arte da UFRGS.

Entrevistadora: Beatriz Martini

Legenda: B) Beatriz Martini; M) Mara Alvares; C) Camila Alvares Pasquetti

B) Eu gostaria que você falasse sobre os seus primeiros passos na arte, é algo que te acompanha da infância, vem da sua família? Gostava de pintar e desenhar desde criança?

M) Sim, gostava. Eu tenho uma prima que tinha tinta a óleo e ninguém podia mexer. Eu ficava enlouquecida. Me escondia e roubava. (risos)

C) Era pequeninha?

M) Era. Ninguém podia mexer nas coisas dela.

B) E quando foi que tu começaste a estudar artes de maneira mais “séria”?

C) Que mais tu lembra, mãe, do porque tu foi estudar arte?

M) Porque eu não podia. Era proibido pra mim, aí eu queria.

B) Se era proibido, aí que te deu vontade (risos)

M) É (risos)

B) Como foi a tua experiência estudando gravura com Iberê Camargo e no Instituto de Artes?

M) Isso foi bem depois.

B) E ele era um bom professor?

M) (afirma com a cabeça)

B) E ele não era mau humorado?

M) Era...

B) E como era o processo da gravura?

M) No metal

C) E que mais tu estudou, mãe, lá no IA, antes de estudar gravura, tudo, né?

M) Tudo. Desenho, gravura...tinha as matérias. Tinha....cabeça de barro...ainda tem, né?

B) Como foi participar do Grupo Nervo Óptico, eram todos colegas?

M) Alguns sim, outros não. A gente começou fazendo fotografia.

B) Começaram pela fotografia... e como foi escrever o manifesto? Vocês criticaram bastante o mercado de arte, que acreditavam que a arte deveria ser algo acima dele, certo?

M) (afirma com a cabeça, mas um pouco desconfiada) Quantos anos tu tem?

B) Eu tenho 21

M) Carinha boa...como que ela sabe tanto?

C) Ela sabe porque ela é pesquisadora, e pesquisa teu trabalho.

B) Eu gostaria que tu falasse um pouquinho sobre a obra Jogo de Esconder em 6 Toques

M) (com alegria) Sim! Foi na Bahia

B) E quem é esse menino que se esconde atrás da árvore?

M) Ele estava por ali e quis participar, ele já estava participando

B) Acho muito interessante como ele se mistura com a paisagem

M) (aponta para a fotografia em que o menino se abraça na árvore e sorri)

B) Essa é muito legal. E foi tu que propôs esses movimentos ou...

M) Ele já estava fazendo, eu só tirava as fotos

E Adansônia? Tiveram várias obras nessa série. Quem era essa pessoa que estava se escondendo? – no momento da transcrição, lembro que “Adansônia” é outro nome para a árvore Baobá, tão presente no território brasileiro –

M) Eu e a Eneida

B) E quem tirou essa foto? (apontando para Adansôni I)

M) O Carlos (Pasquetti)

B) E da onde vem essa tua ideia de misturar o corpo com a natureza?

M) Da dança

B) Da dança!? Que legal! Isso que eu ia te perguntar, porque tens esses trabalhos chamados **Pictogramas, com essa bailarina que é a Eneida, né!? Onde foram tiradas essas fotos?**

M) No estúdio dela

B) Eu adoro essas obras. E depois o propósito delas eram, quando expostas, que o público interagisse com o tecido ou somente a performance?

M) (negando) A performance

C) A Eneida era cunhada da mãe

M) Eu pedi para ela fazer esses movimentos.

B) Ficou muito legal.

M) (afirma com a cabeça) É!

B) Mas o movimento foi ela que pensou?

M) Nós duas

B) E a senhora foi bailarina também?

M) (afirma com a cabeça)

B) Onde você dançou?

M) Perto da minha casa tinha a sociedade italiana, daí tinha aula de dança lá com uma bailarina de clássico. Eu era pequena e naquela época - ainda hoje - as mães colocavam as

filhas pra fazer pra ficar de pé sozinhas. (faz gestos sobre os pés virados para dentro, que com o balé são direcionados para fora no balé)

B) É verdade

M) Geralmente, quando as crianças têm joelho pra dentro

B) Aí ajuda a abrir

M) É

B) (mostrando pinturas) E sobre esses trabalhos em pintura, que estão no acervo da Pinacoteca do IA: O que eu analisei é que mesmo as tuas pinturas têm um fator performático, uma gestualidade que vem da dança, você concorda?

M) Sim. E com a cor, na hora que eu tô pintando, uma chama a outra

B) E a tua pincelada é bem expressiva

M) É. E colorida.

B) E essa pintura aqui, que tem essas figuras... (figura ?????)

M) Eu não estou me lembrando dessa... dessa figura aqui

B) E pra pintar essas pinturas grandes, era no chão, apoiadas ou em cavalete?

C) Era tudo em cavalete. A mãe teve vários ateliês, além da chácara, em que ela também pintava.

B) E essa aqui é tão diferente das outras...

M) Eu não estou me lembrando dessa figura...

C) A mãe também teve sempre um flerte com o inconsciente, Nise da Silveira, nos trabalhos, com o inconsciente, então é difícil de lembrar de tudo.

M) (apontando para as figuras) Xicrinha

B) E da onde vinham essas ideias?

M) Ah, elas vinham, vinham...

B) E é num impulso mais abstrato, mesmo quando se identificam os objetos, certo?

M) Sim, mais abstrato.

B) (voltando a mostrar **Pictografias**) Ah, eu adoro essas aqui

M) Aham... combina com a arquitetura, com as linhas da barra e das janelas e com o piso... tudo.

B) A Camila me falou que tu tens um olho muito bom, artístico, pra captar as melhores coisas

M) É teu (risos)

- C) A mãe fotografava muito flores, e pintava flores, também.
- M) (apontando para uma obra ao lado da TV, na sala) Aquele ali é o Roberto Carlos
- B) Pois é, eu ia te perguntar dessa
- C) Tem várias coisas com tecido colado, cartaz de rua, várias fases, né... nessa época dos anos 80 tem mais pontilhado assim...(mostrando uma pintura ao lado)

Camila busca fotos da família

- C) Eu tava falando pra Beatriz que tu é filha do São João, e que na tua casa sempre foi tudo colorido...a mãe gostava muito de cozinha e de experimentar pratos diferentes
- M) (apontando na fotografia) A minha mãe
- B) Sua mãe? E o que ela achava desses experimentos?
- M) Dava força. (apontando nas fotografias) Esse aqui foi um almoço na minha casa. Meu marido, pai da Camila, Carlos Pasquetti
- B) O trabalho, teu e dele, tem bastante coisa em comum, né?
- M) Tem, tem bastante
- C) E mãe dava muitos desenhos dela, a mãe sempre foi generosa assim então muita gente ganhou...pintura, então elas ainda estão espalhadas por aí, se elas tiverem ainda

- C) **com quem tu estudou performance lá em Chicago**, mãe? tu lembra de cor o nome delas?
- M) Não me lembro
- C) Mas temos registros

Mais tarde, Camila informou que as artistas performers com as quais Mara havia estudado, em Chicago, foram Carolee Scheemann e Meredith Monk.

- B) pois é, **eu gostaria de saber como foi lá em Chicago.**
- M) Foi com o meu marido, fomos estudar juntos
- B) E tu foi te interessando mais pra performance, o que te chamava a atenção nesse momento?
- M) A mistura. Dança, música, cor, movimento....
- C) Eu achei vários slides da época de Chicago, que ela fotografava danças indianas...do mundo inteiro mas em especial danças da índia...coisas bonitas

- M) Bastante coisa, né!? (feição de orgulhosa)
- C) Bom, mas só pra mostrar pra Beatriz o colorido sempre presente na tua casa... olha essa cristaleira, porque a mãe teve o Ateliê do Vidro
- M) Depois
- C) Bem depois. Lá na chácara a mãe teve o forno para queimar o vidro
- M) (corrigindo) Derreter!
- C) Derreter, não queimar... e tem fotos lindas desse período
- B) E como foi esse período com o Ateliê do Vidro, de onde veio essa ideia
- M) Lá nos estados unidos, vinha muita coisa de arte em vidro, e eu tive vontade de fazer uma pintura transparente, colorida e transparente, daí fui pesquisando
- C) Aí a mãe fez um projeto com um professor da Universidade, desenvolveram um projeto de extensão eu acho.
- M) Era uma maneira de botar a pintura em transparência, o colorido com a transparência...coisa dessa cabeça (risos)
- C) Frutos dessa cabeça
- M) Porque eu vi muita coisa que não se fazia no Brasil, ou se se fazia não chamava tanta a atenção. E eu queria pesquisar o colorido e o transparente
- B) E o vidro era ideal pra isso, porque a cor não apaga a transparência, né!?
- M) É.
- C) E mãe, antes disso teve a fase que tu fazias tapeçaria, lá em Chicago, né!?
- M) É, porque eram disciplinas, aí eu me inscrevia pro semestre
- C) Daí tu fazia tear com pintura, aquele “tearção” que eu vi
- M) É.
- C) E pintava em cima?
- M) É uma boa pergunta (risos)
- C) É porque temos fotografia que registram isso, não sei onde foram parar mas temos registro de tudo
- M) Acho que é uma construção feminina, roupa e performance
- C) Roupa, performance... então eu vestia as roupas e a mãe me fotografava fazendo umas poses...
- M) (rindo) E agora, e agora??
- C) Teve a fase das camisetas também
- M) Com a Simone Michelin
- C) Mil e uma técnicas

M) Eu experimentava todas as técnicas

B) E a senhora disse que é mais feminino isso de misturar técnicas?

M) De uma certa forma, é!

B) Eu fiquei pensando sobre isso, a tapeçaria sempre foi mais associada ao feminino, e a dança e a cozinha também...

C) A dança, também, é mais associada ao feminino. Outra coisa que a mãe fazia eram as experiências na cozinha, pigmentos de beterraba, de café, que ela adicionava nas tintas, também é mais feminino, me parece...sai da cozinha, vai pra pintura, pro tear, pra costura

M) Tudo é técnica e forma de expressão

B) É também uma forma de subverter essa obrigação feminina de ser bem da casa, cuidar da cozinha e todas essas coisas...mas tem também **tem uma coisa que vem da Arte Povera**, né!? A gente pode dizer isso?

M) Pode

B) Dos materiais “precários” do dia a dia. A senhora gosta mais dos materiais do dia a dia ou os “nobres” como a tinta?

M) As duas coisas (risos). Misturar as duas coisas...

C) E mãe, tu acha que tu tinha mais talento que o pai? Por causa dessa coisa de técnicas variadas?

M) acho que não...

B) **e como vocês [e o Carlos Pasquetti] se conheceram e começaram a produzir**, porque ao meu ver tem obras que são bem “combináveis”, pode se dizer?

M) Acho que não

C) Mas com a fotografia, sim, um fotografava o outro muito

M) Boa pergunta, porque tem muita coisa misturada

C) E como vocês se conheceram? No Instituto? Vocês eram colegas?

M) No Instituto, éramos colegas

C) Aí pintou um clima

M) Aham... nós éramos “contra” qualquer coisa (risos)

B) Meio rebelde sem causa

M) É (risos)

C) E que ano foi isso? Se eu nasci em 1978, foi um pouco antes

M) Tem cada pergunta...que eu não me lembro

C) Ah, tudo bem!

B) Nos anos 1970

M) É

B) Como que primeiro veio a ideia da fotoperformance?

M) Um pouco de cada um

B) E de onde surgiu a ideia dos cartazes **[do Grupo Nervo Óptico]**

M) Reunião, reunião, reunião... tudo decidimos em grupo

B) E vocês se consideravam “grupo” e não “coletivo” porque vocês não produziam juntos, cada um tinha a sua produção, que se relacionava, mas não produziam juntos


M) Isso

B) E tem alguma coisa que se destaca, do Nervo Óptico?

M) Era muito intenso, tudo...

CARTA DE ANUÊNCIA

Eu, Camila Alvares Pasquetti, CPF 909508600-34 autorizo que a entrevista concedida por minha mãe, Mara Alvares, a Beatriz Martini da Silva, no dia 23 de dezembro de 2023, seja tombada no Arquivo Documental da Fundação Vera Chaves Barcellos.

Documento assinado digitalmente
 CAMILA ALVARES PASQUETTI
Data: 23/09/2024 15:01:45-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Assinatura

Porto Alegre, 23 de setembro de 2024